



BITTER, Daniel. *A bandeira e a máscara: a circulação de objetos rituais nas folias de reis*. Rio de Janeiro: 7Letras/Iphan/CNFCP, 2010. 224p.

Flora Moana Mascelani Van de Beuque

A bandeira e a máscara: a circulação de objetos rituais nas folias de reis, de Daniel Bitter, tem como foco de descrição e análise a circulação de objetos rituais, especificamente a bandeira e a máscara dos palhaços, no contexto da manifestação cultural popular folia de reis. O livro é fruto da pesquisa que resultou na tese de doutorado em antropologia do autor, defendida no PPGSA-UFRJ e merecedora do primeiro lugar no Concurso Sívio Romero (CNFCP/IPHAN) em 2008.

Daniel Bitter revela que no início da pesquisa (provavelmente seduzido pela beleza da bandeira e pela originalidade das máscaras da folia de reis) acreditava que exploraria os aspectos formais dos objetos, tomando-os de maneira mais ou menos autônoma em relação à manifestação. Ao longo do processo de estudo, contudo, influenciado pelo trabalho de campo e pela literatura mais recente da antropologia dos objetos, o autor acabou percebendo que a dimensão material era apenas uma das muitas dimensões dos objetos. Foi portanto a partir dos objetos, percebidos em sua complexidade, que ele chegou às pessoas. Observando-os, escutando os depoimentos dos brincantes, participando presencialmente dos diferentes rituais que envolvem essa manifestação, Bitter pôde compreender o contexto social e cultural nos quais esses objetos transitavam. O autor pôde, ainda, explorar o conjunto de classificações que os envolvia, os sentidos que essas classificações tinham para o grupo social que os manipulava e, finalmente, apontar para sua capacidade de desencadear efeitos sobre as pessoas, divindades e outros objetos.

Ao longo do livro, Bitter apresenta a folia como manifestação cultural e religiosa na qual um grupo de pessoas percorre as casas de devotos cantando e tocando instrumentos em louvor aos Reis Magos do Oriente: Melquior, Baltazar e Gaspar. A folia procura, desse modo, imitar a viagem mítica que os magos teriam feito a Belém para adorar e presentear o Menino Jesus. O período mais intenso de visitas ocorreria na época dos festejos natalinos, entre 25 de dezembro e 6 de janeiro. O autor descreve a bandeira como suporte no qual são fixadas imagens de santos católicos e representações de relatos bíblicos. Uma espécie de estandarte que identifica o grupo organizado a seu redor. A máscara, por sua vez, assume lugar moralmente negativo quando comparada à bandeira, sendo

utilizada por um personagem liminar da folia, o palhaço (que tem como marca a ambiguidade, apresentando características cômicas, transgressoras e aparência grotesca). A máscara, que opera importantes transformações, e seu usuário são indissociáveis.

Bitter lê esses objetos como “símbolos dominantes”, no sentido de Victor Turner (2005). Na folia eles se apresentam simultaneamente em oposição e em complementaridade, em relação de agência mútua. Oposição e complementaridade se expressam no fato de a máscara poluir a bandeira em caso de proximidade, ainda que a primeira se submeta ao poder da segunda. O palhaço que porta a máscara precisa da proteção da bandeira, e lhe são impostas inúmeras restrições: ele estaria impedido de aproximar-se demasiadamente da bandeira, embora, ao mesmo tempo, dela não se possa distanciar demais. Por suas características moralmente negativas e potencialmente poluidoras, Bitter relaciona a máscara ao que pode ser entendido, nos termos de Émile Durkheim (2001), como “sagrado impuro”, e a bandeira, por suas características moralmente positivas e possibilidades curativas, ao “sagrado puro”. O autor enfatiza ainda o caráter mediador desses objetos, uma vez que realizam mediações entre os homens e entre estes e os deuses. Por meio da bandeira estabelecem-se intensas trocas de dons e contradons (MAUSS, 2003).

O livro está dividido em quatro capítulos, além da introdução e da conclusão, e conta com farta documentação visual de impactante beleza. Na introdução, Bitter chama a atenção para as principais questões que serão encontradas ao longo da publicação. É ali que apresenta seu trabalho de campo, que foi realizado no Complexo da Mangueira, bairro popular localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, famoso por sua escola de samba.

No primeiro capítulo “Etnografando no complexo da Mangueira”, o campo de pesquisa é apresentado de forma detalhada. O autor revela as particularidades do Morro da Mangueira e mais especificamente do Morro da Candelária, onde está sediada a Folia Sagrada Família, a qual ele acompanha na condição provisória de folião. A ocupação daquela área, ele informa, se deu fortemente na década de 1940, quando um grupo de migrantes de Minas Gerais chegou ao lugar com o objetivo de trabalhar em fábricas de cerâmica próximas dali. Esses migrantes trouxeram consigo a prática das folias, o que explica a existência de mais de um grupo no local. Os fundadores da Folia da Sagrada Família pertencem a esse grupo de migrantes, e suas atividades acontecem nessa área, onde ocorre, aliás, a maior parte das visitas às casas de devotos. Nessa parte do trabalho, Bitter desenvolve densa análise sociológica das relações entre foliões e devotos, revelando quem são essas pessoas e como vivem.

No segundo capítulo “Folia de reis e a circulação da bandeira” são apresentadas as atividades rituais da manifestação e seu trânsito por outros contextos. Inicialmente, Bitter mostra como se dá o ciclo anual que engloba os ensaios, as jornadas no período natalino e a festa de arremate. Durante as jornadas são feitas as visitas, nas quais os foliões percorrem as ruas do morro indo às casas dos devotos. À frente do grupo vem a bandeireira portando a bandeira. Ao longo das visitas, a bandeira é alvo de diversas

ações dos devotos, sendo tocada, beijada, recebendo fitas de seda coloridas na forma de pagamentos de promessas, o que demonstra seu caráter mediador entre os domínios social e cósmico. A ela seriam creditadas benesses, proteção e cura. Depois da bandeira, vem o mestre (principal organizador da folia e maior detentor do conhecimento a respeito de como realizar os ritos) e o contramestre; em seguida, os cantores e tocadores, e, por fim, os palhaços. Ao longo dos rituais, a ação dos palhaços e dos foliões contrastam de maneira evidente. Aqueles são marcados pela informalidade e por atitudes cômicas e grotescas, estes, por ordem, seriedade e disciplina.

Ao chegar diante da porta da casa de um devoto, o grupo mantém-se em silêncio, e a partir dos acordes das violas do mestre e do contramestre, seguidos dos demais instrumentos, tem início a cantoria. O devoto que recebe a folia vem até a porta, beija a bandeira que é então transferida a suas mãos. Já dentro da casa do devoto, os foliões cantam mais versos. Depois o grupo descansa e são oferecidas comidas e bebidas (momento de informalidade que contrasta com o anterior). A brincadeira dos palhaços se desenrola logo em seguida e, então, eles realizam suas acrobacias e declamam as chulas (versos que podem ser memorizados ou improvisados). Muitas vezes, a bandeira é retirada do espaço em que o palhaço se apresenta, em virtude de incompatibilidades rituais. Por fim, os donos da casa podem fazer ofertas à bandeira, e o grupo se prepara para deixar o local. Numerosas visitas são feitas em uma noite e ao final delas o grupo se dirige a sua sede para a guarda da bandeira. Ao fim do ciclo de jornadas – em torno de um mês de duração – é feito o ritual da entrega da bandeira, realizado no dia 20 de janeiro (devotado a São Sebastião), no qual os foliões se despedem da bandeira, que é colocada em seu altar e só volta a ser usada no ano seguinte. O ciclo festivo se encerra com a festa do arremate na qual foliões e devotos finalizam plenamente sua obrigação com os Santos Magos do Oriente. Essa festa dá ainda mais legitimidade aos laços desenvolvidos entre foliões e devotos e entre estes e os deuses.

Por último, nesse capítulo, o autor discute a inserção da folia em outros contextos sociais, como os “encontros de folia” que ocorrem durante festividades associadas às comemorações ditas “folclóricas”. Ele revela as diferenças existentes entre as diversas modalidades de atuação da folia. Um dos fatores de diferenciação diz respeito à compreensão da noção de tempo. No contexto de atuação ritual da folia durante as jornadas, instaura-se predominantemente concepção de tempo mítica, com característica circular e reversível; nas apresentações em festivais folclóricos, o tempo é predominantemente percebido de modo linear e é medido no relógio, aproximando-se de uma concepção “moderna” dessa categoria. Bitter assinala, no entanto, que as diferenças devem ser relativizadas, já que existem continuidades entre os dois contextos. Um exemplo são as concepções “mágico-religiosas” que se apresentam no contexto ritual e se estendem para aquele dos festivais de folclore.

No terceiro capítulo, intitulado “Bandeira e o fundamento”, são enfatizadas a importância ritual e simbólica da bandeira na folia. Ganha foco aqui a relação estabelecida entre os devotos e esse objeto – conceituado como “hipermediador” –, do qual se espe-

ra receber benefícios, como bênçãos e graças. As pessoas creem que ao estabelecer uma relação sensível com a bandeira poderão alcançar dádivas. A bandeira é a própria presentificação das divindades e, por essa razão, dotada de poderes. Partindo da ideia de que a bandeira é dotada de agência, Bitter se pergunta sobre as diversas formas de utilização da categoria “representação”: “Afinal que tipo de representação está envolvida quando um devoto beija a bandeira, faz preces à sua frente, passa suas fitas em partes do corpo?” (p.133). Com grande perspicácia ele propõe que se use de maneira ampla a categoria “representação” para analisar os objetos, agregando-lhe a ideia de que determinados contextos culturais conferem alma e agência aos objetos (MAUSS, 2003; GELL, 1998).

Nesse capítulo ainda é explorada a noção de fundamento, central para esse universo social e de extrema importância para compreensão da ação ritual da bandeira. O fundamento diria respeito a um grupo de conhecimentos místicos, de ordem prática e teórica, considerados primordiais e que provêm de um espaço-tempo imaginário, coincidindo com o início do mundo: o nascimento de Jesus. Ele estaria ligado de maneira inseparável à bandeira, já que ela daria visibilidade ao fundamento, sendo em última instância uma forma sua, visível e tangível.

No último capítulo, “O palhaço e a máscara: o lugar da liminaridade”, o autor inicialmente analisa o lugar ritual e simbólico do personagem e sua máscara. Bitter aborda a dimensão liminar, duvidosa, ambivalente e perigosa do palhaço, que traz para o contexto ritual o tema da desordem e do incerto, questões temidas e combatidas, mas também necessárias, já que propiciam ações criativas e regeneradoras. Figuras fundamentalmente ambivalentes, os palhaços, podem ser vistos como os soldados de Herodes (personagens que, segundo o Novo Testamento, receberam a incumbência de matar todas as crianças recém-nascidas, na esperança de que o Menino Jesus estivesse entre elas) ou mesmo como o demônio, ou Exu, o que os situaria em lugar moral negativo, ou, por outro lado, como os próprios Reis Magos, localizados em lugar moralmente positivo. No mesmo sentido, tanto podem ter características poluidoras, devendo submeter-se a uma série de restrições rituais, como devem ter conhecimento das profecias, porque podem vir até mesmo a substituir o mestre em alguma eventualidade. Essa atribuição de sentidos depende do uso ou não da máscara nas diversificadas etapas rituais. O autor relata que no ritual de entrega da bandeira os palhaços devem retirar suas máscaras, se aproximar da bandeira e pedir perdão pela perseguição ao Menino Jesus. Fazendo isso, passam por um rito de conversão simbólica e juntam-se aos demais foliões, na qualidade de devotos.

Ao final desse capítulo, Bitter realiza uma síntese de sua compreensão da relação entre bandeira e máscara, sempre pensadas como objetos manipulados coletivamente por determinadas pessoas – e que ocupam posições contrastantes. Enquanto a máscara se relaciona ao plano baixo, uma vez que o palhaço frequentemente desenvolve sua *performance* no chão, a bandeira pertence ao plano alto, posto que deve ser mantida ereta e longe do chão, e que a bandeireira realiza movimentos ascendentes ao portá-la. Essa questão formal vincula-se a uma questão moral, topográfica e cosmológica, já que

a máscara está em plano mais baixo, e a bandeira em plano mais alto, superior, denotando o céu, espaço em que estão representadas as divindades. A bandeira é, portanto, hierarquicamente superior à máscara, esta relacionada ao “sagrado impuro”, aquela, ao “sagrado puro”. Segundo Bitter, entender esse caso a partir da perspectiva da ambivalência do sagrado é mais rentável do que adotar a perspectiva de oposição clássica entre profano e sagrado. Seguindo a linha dos contrastes entre esses objetos, o autor sugere que enquanto a bandeira é alvo de contatos e caracteriza-se por ser durável, protetora e sublime, a máscara é evitada e caracteriza-se por ser efêmera, ameaçadora, grotesca. Bitter lembra, no entanto, que esse sistema não é plenamente estável, já que os símbolos são ambivalentes, estão sujeitos a novas associações e que estão em jogo, de fato, as interações de sujeitos concretos.

Na conclusão, são retomados os principais pontos abordados ao longo do estudo. Construindo seu raciocínio de maneira pedagógica, o autor finaliza apontando para o relacionamento sistêmico entre os objetos analisados, cujos sentidos dependem do enquadramento a que estão submetidos. E declara compreender, enfim, que os objetos têm o poder de agir de forma transgressora sobre seus criadores.

Daniel Bitter, a partir de intenso trabalho, constrói etnografia precisa e densa, com “carne e sangue” nos termos de Bronislaw Malinowski (1976), trazendo ainda fortes contribuições analíticas. Ao refletir sobre os usos rituais dos objetos no contexto da folia, Bitter realiza importantes discussões para o campo das culturas populares e ainda colabora amplamente para os debates contemporâneos da antropologia dos objetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulus, 2001.
- GELL, Alfred. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: University Press, 1998.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril, 1976. Os Pensadores.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- TURNER, Victor. *Floresta dos símbolos*. Niterói: EdUFF, 2005.

Flora Moana Mascelani Van de Beuque é mestre em sociologia e antropologia pelo PPGSA-UFRJ e graduada em ciências sociais pela UFRJ.